

MÉTODO FÔNICO: O “NOVO-VELHO” CAMINHO À ALFABETIZAÇÃO BRASILEIRA NOS DISCURSOS DE ALFABETIZADORES

Érica Raiane de Santana Galvão¹

Jânio Nunes dos Santos²

Adriana Cavalcanti dos Santos³

Eixo temático: 1. Alfabetização e políticas públicas

Resumo: O presente trabalho objetiva analisar, nos discursos de professores alfabetizadores, a compreensão sobre o método fônico/instrução fônica sistemática, adotado pela Política Nacional de Alfabetização - PNA como método para a alfabetização brasileira. Para discussão teórica são mobilizados autores como Moraes (2012), Mortatti (2019), Soares (2021), dentre outros que se posicionam contrários às políticas de alfabetização reducionistas e ancoradas em um único método, a exemplo da PNA. Tomando por base a técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009), foram analisados os discursos de 5 (cinco) professores alfabetizadores referente a concepção de alfabetização preconizada pela PNA, tendo emergido a categoria método fônico. Os resultados revelaram uma compreensão incipiente por parte dos professores relacionada aos pressupostos didático-pedagógicos subjacente a adoção do método fônico, ao considerá-lo como inovação metodológica para a alfabetização. Esse entendimento, reforça a necessidade de formação continuada consistente trazendo à cena da discussão os métodos de alfabetização e suas implicações nas aprendizagens dos estudantes para que sejam extrapoladas/superadas as orientações da PNA ou compreendidas de maneira crítica.

Palavras-chaves: Alfabetização; Método fônico; Política Nacional de Alfabetização.

¹Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAL. Professora da Educação Básica na rede privada de Maceió. Contato: ericaraiane7@gmail.com

²Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAL. Professor na graduação em Letras-Libras da UFAL. Contato: jnio.nunes@gmail.com

³Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAL. Professora na graduação em Pedagogia e na Pós-Graduação em Educação da UFAL. Contato: adricavalcanti@hotmail.com

Introdução

Em se tratando da área de alfabetização, desde 1980, mudanças significativas vêm ocorrendo na tentativa de reverter a situação dos altos índices de estudantes não alfabetizados no Brasil. Essas mudanças aconteceram (e acontecem) por influência de diferentes aspectos, tais como: o avanço científico-acadêmico na área, as mudanças nas práticas sociais de uso das linguagens, o desenvolvimento tecnológico e as modificações pedagógicas.

A Política Nacional de Alfabetização (BRASIL, 2019b), instituída pelo Ministério da Educação - MEC em abril de 2019, por meio do Decreto nº 9.765 (BRASIL, 2019a), preconiza a instrução fônico sistemática como um caminho metodológico a ser utilizado para alfabetizar, suscitando muitos debates por seus reducionismos. Para Leal (2019) além de propor treino de habilidades que as evidências científicas mostram que não são necessárias, o método fônico tem muitas limitações dificultando que os estudantes compreendam o funcionamento do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) e desenvolvam, de fato, a leitura e a escrita de textos.

Diversos estudiosos (MONTEIRO, 2019; MORTATTI, 2019; SANTOS, 2022; GALVÃO, 2023; entre outros) da área de alfabetização no Brasil têm se posicionado de modo contrário ao que está estabelecido na Política Nacional de Alfabetização, doravante, PNA. Estes pesquisadores questionam: a concepção de alfabetização adotada; a tentativa de apagamento de quarenta anos de pesquisas e estudos na área de alfabetização; a culpabilização do construtivismo devido aos baixos índices no que se refere à alfabetização dos estudantes; e a escolha de um único caminho teórico e metodológico para alfabetizar (o método fônico).

Diante deste cenário, este artigo objetiva analisar, nos discursos de professores alfabetizadores, a compreensão sobre o método fônico/instrução fônica sistemática, adotado pela PNA como método para a alfabetização brasileira. Recruta-se a concepção bakhtiniana de discurso, compreendendo que cada enunciado é composto por diversas “vozes”, de modo que a enunciação é repleta de assimilações e reestruturações destas diversas vozes, isto é, cada discurso é composto por vários discursos (BAKHTIN, 2016).

2 Método de alfabetização “à moda” da PNA

No Brasil, no período entre 1960 e 1980, a discussão central na área de alfabetização envolveu os métodos clássicos (analíticos e sintéticos), abordando qual seria a metodologia ideal para alfabetizar. O foco dessa discussão estava centrado apenas em

como se ensina, e não em como se aprende, isto é, de como o estudante se apropria do SEA (MORAIS, 2012).

A palavra método, segundo a sua etimologia, vem do grego, *methodos*, composta de meta: através de, por meio, e; de *hodos*: via, caminho em aprendizagem da leitura e pela escrita de palavras, frases e textos (SOARES, 2021). Para isso, os professores alfabetizadores podem fundamentar-se nos processos cognitivos e linguísticos relacionados ao desenvolvimento e aprendizagem da língua escrita.

Nos métodos de alfabetização, sobretudo os de natureza sintética, há a defesa de que é necessário primeiro aprender a ler e a escrever, entendidos como decodificar e codificar as relações letras-fonemas, para só depois ler “de verdade” textos reais – gibis, livros, jornais, cartazes etc. ou escrever “de verdade” – bilhetes, histórias, parlendas (SOARES, 2021).

Nesses moldes, aprender a leitura para depois aprender com a leitura é um dos pilares da PNA, por vez controverso e falacioso, no combate ao letramento. A teoria do letramento aponta que aprender a ler lendo diz respeito ao contato desde a tenra idade pela criança na compreensão de que a leitura tem finalidade social, não é um código a ser decifrado mecanicamente. Observa-se esse posicionamento na política de alfabetização anterior à PNA: no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), além do trabalho com gêneros discursivos no ciclo de alfabetização, a leitura ganhou importantes contornos, como por exemplo, as práticas de leitura compartilhada realizadas pelo professor alfabetizador, os cantinhos da leitura montados nas salas de alfabetização além de outras práticas que indicam também a abordagem dos gêneros digitais nas práticas de alfabetização.

No contexto de implementação da PNA, constatou-se uma tentativa da “volta do método fônico”, até então superado, além de todo um arcabouço de rupturas e retrocessos. Os conceitos teórico-metodológicos envolvendo a concepção de alfabetização adotada na PNA e o método fônico têm suscitado discussões por romperem, como dito, com a concepção da alfabetização articulada ao processo de letramento. Monteiro (2019) considera que a PNA está completamente em desalinhamento com o movimento histórico no campo educacional do país, ao apoiar-se em apenas uma visão de aprendizagem da língua escrita. Desse modo, o que nela é preconizado constitui-se quando retrocesso quando comparado aos estudos e avanços na área de alfabetização (GALVÃO, 2023).

A grande ruptura que a PNA tenta implementar na compreensão e execução do processo de alfabetização diz respeito: ao rompimento com as discussões anteriormente difundidas, à imposição do método fônico e à tentativa de apagamento de conceitos como o letramento, à retomada do conceito de língua ancorada no código linguístico e nas ações de

codificar (escrever), o que provoca impactos nos processos de ensino e aprendizagem que envolvem a alfabetização.

Tais fatores são responsáveis pelo agravamento das desigualdades sociais, tendo em vista a não priorização de uma educação de qualidade, principalmente no que diz respeito à ausência de investimentos prioritários na escola pública e gratuita, como estabelecido na Constituição Federal de 1988, sobretudo, nos últimos 4 anos (2019-2022).

A assunção enfática da “instrução fônica sistemática” denota um retrocesso a concepções reducionistas do aprendizado da língua escrita e demonstra uma desconsideração de que a alfabetização – enquanto processo de aprendizagem (e de ensino) – não cabe em “um método”, pois envolve as múltiplas facetas ou camadas da escrita (SOARES, 2021), não só da especificidade do processo em relação ao objeto de conhecimento – a língua escrita – mas das aprendizagens em geral, dos contextos escolares, entre outras questões (LOPES, 2019).

A PNA ancorada no método fônico/instrução fônica sistemática constituiu uma “guinada” (ideo)metodológica para trás e pela direita. Em outras palavras, é um método ultrapassado que gera retrocesso à alfabetização brasileira por uma política de alfabetização ideologizada/ideologizadora de extrema direita (MORTATTI, 2019). Apesar da PNA defender o discurso de inovação, de evidências científicas e de eficácia no que se refere ao método fônico para a alfabetização dos estudantes por meio do discurso ideológico de direita e neoliberal, Santos (2022) ressalta que os professores alfabetizadores não têm seu passado zerado no que diz respeito aos conceitos e métodos de alfabetização construídos anteriormente à PNA, que, à sua maneira, tenta impor o método único.

3 Metodologia

Nesta investigação, analisou-se os discursos de professores a partir de um Grupo Focal (GATTI, 2005) sobre a PNA, realizado com cinco professores/as alfabetizadores/as de municípios alagoanos: Maceió, Arapiraca, Palmeira dos Índios e Coruripe. O referido grupo focal foi mediado pelos colaboradores do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didáticas da Leitura, da Literatura e da Escrita (GELLITE-UFAL), integrantes do Coletivo Nacional Alfabetização em Rede (Alfa-Rede), vinculados ao projeto de pesquisa intitulado “Alfabetização em Alagoas: cenários e desafios da Política Nacional de Alfabetização e do ensino remoto emergencial” (ALFABETIZAÇÃO, 2020).

Na proposição de um Grupo Focal, enquanto estratégia de coleta de dados, há um interesse em inferir o que as pessoas pensam e expressam e como elas pensam e por que pensam sobre uma determinada problematização (GATTI, 2005). O grupo focal pode ser

realizado quando se quer compreender diferenças e divergências, contraposições e contradições por um coletivo de sujeitos que se reconhecem no mesmo cronotopo e traços identitários.

Em relação ao grupo focal em questão, visando manter o anonimato e preservar a identidade dos sujeitos, optou-se por identificá-los como **P1**, **P2**, **P3**, **P4** e **P5**. Nessa seara, o Quadro 1 apresenta a formação acadêmica e o tempo de experiência docente desses sujeitos alfabetizadores:

Quadro 1 – Perfil dos professores

PARTÍCIPE	FORMAÇÃO	TEMPO DE DOCÊNCIA
P1	Magistério Atualmente está cursando Licenciatura em Matemática	5 anos
P2	Licenciatura em Pedagogia Especialização	Não informado
P3	Licenciatura em Pedagogia Mestrado em Educação	8 anos
P4	Não informado	Não informado
P5	Não informado	4 anos

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Como é possível observar no Quadro 1, os discursos que emergiram nesta pesquisa são de professores que atuam na área de alfabetização, tendo suas concepções fundamentadas nas práticas realizadas no contexto escolar, considerando formação e experiência docente no encontro com os discursos da PNA.

Com base no uso da Técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009), a categoria mais recorrente dos discursos dos/as participantes consistiu nos posicionamentos sobre o método fônico.

4 Método fônico: inovação ou desconhecimento histórico?

A PNA defende a instrução fônica sistemática. Essa instrução, segundo o discurso da referida política, “leva a criança a aprender as relações entre as letras (grafemas) e os menores sons da fala (fonemas)” (BRASIL, 2019, p. 33).

No que se refere ao método fônico, P1 enunciou que:

Com algumas pesquisas (eu ainda não tinha feito o curso) **consegui observar esse novo método**, que me ajudou com dois alunos específicos, que tinham bastante dificuldade de aprender. [...] Com essas pesquisas, buscando **novas metodologias**, encontrei esse método (fônico) e apliquei para eles dois, servindo assim de exemplo e apliquei para os demais. [...] Em pouco tempo, consegui um resultado bem positivo dentro da sala de aula; positivo em comparação com outras salas, que estavam usando somente um outro método. Eu até passei, em reunião também que a gente sempre monta, as reuniões pedagógicas, o motivo de alguns alunos terem desenvolvido a alfabetização (P1).

P1 considera o método fônico como inovador. Além disso, acredita que os bons resultados em sua turma são provenientes do uso deste método. Ressalta-se que, em outros momentos do Grupo Focal, posicionou-se de modo crítico frente aos reducionismos da PNA e a uma concepção de alfabetização reduzida ao “codificar” e “decodificar”. Contudo, P1 considera o método fônico como uma **nova metodologia**.

Nessa esteira discursiva sobre o método fônico, P2 alude que:

Eu achei super diferente do que a gente está acostumado (a aplicar na sala de aula). Quando eu estava assistindo uns vídeos e lendo o material, disse: “como é que eu vou fazer?”. **Porque não fui instruída, não fui informada dessa forma**. Como que eu vou fazer com as crianças?”. Então ainda não tive a oportunidade de colocar em prática (P2).

Depreende-se que P2 avalia que alguns professores não foram formados para trabalhar com o método fônico. Isso sinaliza para a ausência de formações continuadas sobre métodos de alfabetização que culminam em lacunas no saber docente. É proposto pelo governo que os professores trabalhem com um método, mas não são dadas as formações necessárias para que o trabalho seja efetuado, embora tenha acontecido o curso Práticas de Alfabetização da PNA, no formato *online*.

Em interlocução, P3 complementa:

Mas, lembro que na época em que eu ainda estudava, em Penedo, iniciou um programa que era muito parecido e comecei a ler um pouquinho sobre e achei bastante interessante; tanto é que, **quando comecei esse curso (Tempo de Aprender) agora, eu me identifiquei**. Geralmente **eu me proponho a trabalhar bem em cima do método fônico** (P3).

P3 destaca que trabalhava com o método fônico e ao participar do Programa Tempo de Aprender se identificou com essa abordagem. Reforça-se que as evidências científicas que não foram consideradas pela PNA não negam, em parte, a potencialidade do método

fônico para o desenvolvimento de determinadas habilidades metalinguísticas. A questão que se levanta é a imposição de um método único numa formação continuada direcionada a alfabetizadores (MORTATTI, 2019).

O professor P4 também considera o método fônico como inovador:

Eu acho assim que é uma inovação, uma nova alfabetização que está evoluindo. [...] Gostei porque para mim foi inovador e diferente do que já trabalhava há dezoito anos (P4).

Para o professor P4, o método fônico enquanto **inovação**, constitui-se numa nova alfabetização que está evoluindo e considera que o referido método facilita o processo de alfabetização dos estudantes. Na compreensão de P4, o método fônico pode ser utilizado para facilitar a apropriação do conhecimento pelo estudante, o que vai de encontro com pesquisadores experientes na área da alfabetização: “somos radicalmente contra a **volta dos velhos** métodos fônicos de alfabetização” (MORAIS, 2012, p. 107).

Os enunciados de P1, P2, P3 e P4 conduzem à inferência de que alguns professores alfabetizadores estão a receber o método fônico como uma proposta inovadora, sendo que se trata de um método amplamente debatido/refutado pelos estudiosos da área da alfabetização desde 1980 e, na verdade, não é “uma nova alfabetização que está evoluindo”, como apontado pelo professor P4.

A professora P5 enuncia ausência de instrução acerca do método fônico durante sua graduação. “Não fui instruída dessa forma. Porque como eu sou uma professora recém-formada, não passei por esse período em que aprendia o método fônico” (P5). Nesse sentido, é necessário destacar que é fundamental que os professores alfabetizadores conheçam alguns dos aspectos sobre o método fônico e a base teórica que o refuta, objetivando ter uma criticidade em relação a este método, visto que a PNA orientou que o processo de alfabetização o tenha por base.

5 Considerações Finais

Os discursos dos professores que compõem o *corpus* de análise demonstram a ausência de conhecimentos teóricos acerca do método fônico. Isso pode ser constatado tendo em vista que os professores consideram o referido método como inovador. Estas falas denotam lacunas teóricas por parte dos professores, sendo necessário um aprofundamento desta temática. Essa necessidade formativa, visa, entre outros aspectos, conduzir à reflexão crítica sobre as políticas e propostas de alfabetização das quais têm contato, a exemplo da PNA no contexto brasileiro recente.

Ademais, constata-se que os caminhos que têm sido percorridos para a área de alfabetização no Brasil têm passado por muitas modificações, como alguns autores já apontaram em outros estudos (MORTATTI, 2013). Observa-se um cenário de diversas rupturas conceituais que influenciam os discursos e práticas de professores alfabetizadores e, por extensão, os processos de ensino e aprendizagem dos estudantes em fase de alfabetização. A “volta do fônico” como método oficial demonstra uma dessas rupturas/retrocessos conceituais e metodológicos.

Por fim, os dados revelam a importância de se fortalecer a formação continuada do professor alfabetizador, trazendo à cena a discussão acerca dos métodos de alfabetização, para que sejam extrapoladas/superadas as orientações da PNA que se deram em caráter impositivo, engessador da prática docente e acrítico.

Referências

- ALMEIDA, A. C. Ninguém chega lá, partindo de lá, mais daqui: uma crítica ao conceito de alfabetização na PNA, à luz de algumas contribuições de Paulo Freire. **Revista Brasileira de Alfabetização**, Belo Horizonte, v. 1, n. 10 (Edição Especial), p. 52-57, jul./dez. 2019.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Casa Civil. **Decreto nº 9.765**, de 11 de abril de 2019. Institui a Política Nacional de Alfabetização. Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, Edição Extra – A, p. 15, 11 abr. 2019a.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA: Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC, SEALF, 2019b.
- GALVÃO, E. R. S. **Política Nacional de Alfabetização: conformidades e insurgências entre vozes discursivas**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, 2023.
- LEAL, T. F. Apontamentos sobre a Política Nacional de Alfabetização 2019. **Revista Brasileira de Alfabetização**, Belo Horizonte, v. 1, n. 10 (Edição Especial), p. 76-85, jul./dez. 2019.
- LOPES, D. M. C. Considerações sobre a Política Nacional de Alfabetização. **Revista Brasileira de Alfabetização**, Belo Horizonte, v. 1, n. 10 (Edição Especial), p. 86-90, jul./dez. 2019.
- SANTOS, J. N. **Política Nacional de Alfabetização: discursos formativos de professores alfabetizadores no âmbito do Programa Tempo de Aprender**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, 2022.

MONTEIRO, S. M. A concepção de alfabetização na Política Nacional de Alfabetização/MEC/2019. **Revista Brasileira de Alfabetização**, Belo Horizonte, v. 1, n. 10 (Edição Especial), p. 39-43, jul./dez. 2019.

MORAIS, A. G. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

MORTATTI, M. R. L. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

MORTATTI, M. R. L. A “Política Nacional de Alfabetização” (BRASIL, 2019): uma “guinada” (IDEO) metodológica para trás e pela direita. **Revista Brasileira de Alfabetização**, Belo Horizonte, v. 1, n. 10 (Edição Especial), p. 26-31, jul./dez. 2019.

PROJETO ALFABETIZAÇÃO EM REDE: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia Covid-19 e da recepção da PNA pelos docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do E.F. 2020.

SOARES, M. B. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

SOARES, M. B. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. 1. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.